

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Bieging

Raul Inácio Busarello

ISBN 978-85-7221-461-2

2025

Marcos Aparecido Pereira

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO HUMANA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-461-2.14

RESUMO:

A contação de histórias, compreendida como prática multimodal que articula oralidade, imaginação e performance, constitui-se como uma estratégia pedagógica de alta potência na formação leitora e no desenvolvimento integral dos sujeitos. Ao mobilizar recursos da linguagem verbal, corporal e afetiva, a narrativa contada ativa processos cognitivos complexos, favorecendo a elaboração simbólica, a ampliação do repertório cultural e o fortalecimento das capacidades interpretativas. Fundamentada em perspectivas teóricas que compreendem a literatura como espaço de experiência e significação, essa prática possibilita que crianças, jovens e adultos construam sentidos a partir da interação entre texto, mediador e audiência. No âmbito escolar, a contação de histórias contribui para aproximar os estudantes do universo literário, desenvolvendo habilidades de escuta atenta, imaginação criadora e consciência narrativa. O caráter performativo da atividade amplia sua dimensão estética ao integrar gesto, ritmo, voz e presença, tornando o ato narrativo uma experiência compartilhada. Tal dinâmica favorece o engajamento emocional e cognitivo dos ouvintes, despertando motivações intrínsecas para a leitura e estimulando a participação ativa nos processos de compreensão, inferência e interpretação. Além disso, a prática dialoga com o letramento literário ao promover a formação de leitores críticos e sensíveis, capazes de reconhecer valores culturais, símbolos e arquétipos presentes nas narrativas. Assim, a contação de histórias se apresenta como instrumento pedagógico essencial para o ensino contemporâneo, pois amplia as possibilidades de acesso ao texto literário, desenvolve competências comunicativas e estéticas e contribui para uma formação leitora ampla, significativa e transformadora.

Palavras-chave: Oralidade. Mediação literária. Imaginário. Narrativa. Formação leitora.

INTRODUÇÃO

A prática de contação de história talvez esteja entre as mais antigas formas de expressão e comunicação nascidas nos clãs familiares, transformada e difundida ao longo do tempo. Narrar fatos e eventos está na base do compartilhamento de informações e de conhecimentos, mas também no cerne de toda a criação e inventividade da literatura haja vista que essa arte liga-se fundamentalmente ao ato de contar uma história e nasce, segundo Zumthor (2012), como manifestação oral. Nesse sentido, percebe-se que esse ato vincula-se tanto a questões de sociabilidade e de interação em diferentes momentos histórico e culturais quanto na busca por dar sentido às experiências humanas através de manifestações literárias.

Walter Benjamin (1994), ao refletir sobre o narrador, destaca que a arte de contar histórias está intrinsecamente ligada à transmissão da experiência, elemento que, diga-se de passagem, é fundamental da construção de memória coletiva. Nesse sentido, a contação de histórias não apenas entretém, mas preserva saberes, valores, modos de vida e formas de interpretar o mundo. Sua força está justamente na capacidade de transformar a experiência vivida em experiência compartilhada, criando conexões entre o passado e o presente e, sobretudo, entre as pessoas que se interconectam no desenrolar dos tempos. Logo, assume-se a compreensão de que a contação é uma prática que funda comunidades e sustenta a própria noção de tradição cultural.

Direta ou indiretamente contamos histórias, elaboramos narrativas sobre nossas vivências, pontos de vista e opiniões. Ao mesmo tempo, ouvimos histórias e a partir delas buscamos compreender o mundo que está fora do espaço de nossas próprias experiências, por meio do conhecimento e da voz de outrem. É por isso que Bakhtin (1999, p. 36) afirma que "a palavra é o modo mais puro e sensível da relação social", afinal, a palavra conecta pessoas, ideias e universos plurissignificativos ajudando-nos a organizar psiquicamente o que

somos e tudo aquilo que nos rodeia perpassando por nossa forma particular de compreensão do mundo.

Na perspectiva psicológica e cognitiva, Bruner (1997) destaca que o ser humano organiza sua experiência de mundo por meio de estruturas narrativas. Contar histórias é, portanto, uma forma de atribuir sentido ao real, selecionando eventos, dando-lhes coerência e estabelecendo relações que tornam o vivido compreensível. Essa construção narrativa possibilita que a criança e, também, o adulto aprenda a interpretar o mundo, antecipar ações, elaborar emoções e projetar-se em diferentes papéis sociais. Assim, incorporar essa dimensão ao espaço escolar é uma forma de reconhecer a narrativa como um modo de pensamento essencial ao desenvolvimento humano.

No contexto da educação contemporânea, marcado pela velocidade das informações, pela fragmentação da atenção e pela predominância de linguagens digitais, a contação de histórias ressurge como prática que restabelece o ritmo, a escuta e a presença. A oralidade recupera o corpo e o vínculo humano muitas vezes enfraquecidos nas interações mediadas por telas, oferecendo à escola um espaço de convivência sensível em que o tempo do texto e o tempo do indivíduo se encontram a fim de fundar um não-tempo. Isso porque é momento de suspensão das interações caóticas da vida contemporânea e fundação do tempo próprio, singular e particular daquele que conta e ouve histórias. Desse modo, contar histórias se torna estratégia de resistência e humanização em meio às pressões pragmáticas que atravessam a educação atual.

E, apesar da importância que pode ser percebida na relação dialógica estabelecida nesse processo de construção de si e de compreensão das coisas essa é uma prática que poderia ser melhor aproveitada no ambiente escolar como prática pedagógica, como instrumento de aprendizagem, especialmente no que se refere ao incentivo à leitura literária. Desta forma, busca-se, nesse trabalho, refletir sobre a relevância da contação de história enquanto mecanismo de

construção e transformação de indivíduos protagonistas, ativos em seu próprio processo de aprendizagem, portanto, seres humanos capazes de pesquisar, agregar, debater e expor ideias e, ainda, desenvolver responsabilidade social, pensar de forma autônoma e criativa.

Acrescenta-se, ainda, que a “a leitura se enriquece com toda a profundidade do olhar” (ZUMTHOR, 2000, p. 86), sendo que, nesse movimento enriquece, humaniza e transforma pessoas estimulando potencialidades intrínsecas de desenvolvimento sempre construídas na relação eu-outro. Logo, o compartilhamento de narrativas de forma oral tende a contribuir com o tipo de educação que almejamos, uma educação que desenvolve o ser humano além dos atributos intelectuais muitas vezes privilegiados pelo olhar da escola, desenvolve pessoas capazes de conviver em sociedade respeitando diferenças, problematizando e encontrando as melhores soluções de forma comunitária.

Por fim, é preciso reconhecer que a oralidade constitui uma forma específica de produção e circulação de conhecimento, distinta da escrita, mas igualmente complexa. Como afirma Ong (1998), as culturas orais constroem sentidos por meio do ritmo, da repetição, da sonoridade e da corporeidade, elementos que ativam dimensões cognitivas diferentes das mobilizadas pela leitura silenciosa. Valorizar a contação no espaço escolar significa, portanto, ampliar o repertório de práticas letradas e reconhecer múltiplas maneiras de aprender e de expressar saberes.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA TRANSFORMADORA

Em todas as idades a contação de histórias é capaz de estimular a imaginação e interligar experiências reais a imaginárias,

afinal, “quando lemos em voz alta para um grupo de pessoas – uma classe, por exemplo – somos (literalmente) porta-vozes do texto que estamos lendo” (LAJOLO, 2005, p. 28). Nesse sentido, o mediador do texto é capaz de proporcionar a interlocução com uma vivência que é alheia ao ouvinte e que, assim, ele só pode experimentar através de suas habilidades e competências psíquicas.

A imaginação acionada durante a escuta de histórias mobiliza aquilo que Vygotsky (2009) denominou de função simbólica, responsável pela capacidade humana de criar imagens mentais, abstrair conceitos e elaborar significados que não estão imediatamente presentes no mundo concreto. Ao ouvir uma narrativa, a criança ativa processos internos que articulam fantasia e realidade, reconstruindo sentidos a partir de suas próprias experiências. Esse mecanismo simbólico é a base não apenas da criatividade, mas também da capacidade de antecipar situações, resolver problemas e compreender emoções e, portanto, tem papel central na formação integral do indivíduo enquanto ser que imagina, que cria e que transforma o mundo ao seu redor enquanto metamorfoseia-se diariamente.

À vista disso, contar histórias em sala de aula converte-se numa prática capaz de impulsionar a construção de imagens psíquicas que carregam em si as potencialidades de aprimoramento cognitivo do indivíduo. Nesse viés, quanto mais cedo essa prática for inserida no contexto de aprendizagem, maiores são as possibilidades de aperfeiçoamento do pensamento, da imaginação e das capacidades individuais. Isso por que a psique da criança consegue vincular-se mais facilmente ao universo imaginário devido às próprias características intrínsecas da faixa etária. Logo, o estímulo à leitura literária que se dá pela contação de histórias tem melhores chances de sucesso quando iniciadas na infância.

Além disso, é possível considerar que o funcionamento interativo da língua “acontece por meio de textos orais e escritos, em práticas discursivas as mais diversas, conforme as situações sociais

em que se inserem” (Antunes, 2003, p. 20). O que, por sua vez, tem direta relação com a habilidade de situar-se discursivamente no mundo, ser capaz de utilizar a língua, suas nuances e facetas em diferentes contextos dentro de variadas situações comunicativas. Isso posto, consideramos que a contação de histórias pode ser compreendida em múltiplos aspectos: linguístico, cognitivo, imaginário e interpessoal.

Nesse contexto, é importante compreender que a oralidade não é apenas uma forma de comunicação imediata, mas uma prática social estruturante que dá forma às relações humanas. De acordo com Marcuschi (2010), a oralidade é um modo de organização do discurso que envolve competências interacionais complexas, tais como tomar turnos, interpretar gestos, captar entonações e estabelecer múltiplas estratégias de cooperação comunicativa. Isso posto, quando o educador conta histórias, ativa simultaneamente processos linguísticos, paralinguísticos e sociocognitivos que ampliam a capacidade de participação discursiva do ouvinte.

Desse modo, todo o desenvolvimento cognitivo do indivíduo que ouve ganha com o ato de contar histórias. Isso porque todo o processo de aprendizagem perpassa pela aptidão em estabelecer relações e conexões lógico-rationais e imaginárias das mais diversas maneiras. Isso sem contar que áreas como inteligência emocional, empatia, gerenciamento de relações, consciência organizacional e adaptabilidade também são beneficiadas no compartilhamento de histórias. É devido a isso que a BNCC (2018, p. 43) estimula a prática de “criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos”.

A presença da contação de histórias nos documentos norteadores da educação contemporânea reforça sua relevância não apenas como prática lúdica, mas como componente estruturante da formação leitora. No final do século passado Solé (1998) já deixava claro que a construção da competência leitora exige múltiplas

experiências com textos diversos, e a narrativa oral constitui uma dessas experiências fundamentais, uma vez que aproxima o estudante do ritmo, da musicalidade e da estrutura profunda da narrativa. Assim sendo, ao ouvir histórias, o aluno internaliza modelos textuais que mais tarde orientarão sua compreensão, interpretação e produção de textos escritos.

A performance de leitura de um texto “é um ato de presença no mundo e em si mesma. Nela o mundo está presente” (ZUMTHOR, 2000, p. 79). Isso acontece porque tanto quem conta quanto quem ouve histórias traz para esse momento experiências que se entrecruzam e tecem o intrincado tecido do discurso que forma o texto compartilhado, dando, por sua vez, sentido à narrativa. Sentido esse que nunca é simples, plano ou raso haja vista que nasce das relações sociais, históricas e culturais que formam as pessoas e que ajudam na percepção e compreensão da narrativa.

Nesse contexto escolar de compartilhamento de narrativas, acrescenta-se, ainda, que a “a discussão em grupo favorece a compreensão. Serve para enriquecer a resposta própria com os matizes e os aportes da compreensão do outro, já que a literatura exige e permite distintas ressonâncias individuais” (Colomer, 2007, p. 149). Logo, leva-nos à autocompreensão e à autoformação por meio da relação dialógica com o outro, uma relação permeada pelo texto que é compartilhado no ato de contação.

Vale lembrar ainda que Zumthor (2000) diz que o corpo é ponto de partida e referente do discurso uma vez que “é pelo corpo que o sentido é aí percebido. O mundo tal como existe fora de mim não é em si mesmo intocável, ele é sempre de maneira primordial, da ordem do sensível: do visível, do audível, do tangível (Zumthor, 2000, p. 90). Assim, as experiências que ouvimos se ligam às experiências que vivenciamos e, juntas, levam-nos à comunhão de um momento singular da existência em que pequenas transformações psíquicas acontecem, transformações essas que são contínuas, imensuráveis

e imprescindíveis ao nosso desenvolvimento. São essas transformações que levam-nos de um estágio a outro da vida possibilitando o aprimoramento pessoal ao longo do tempo.

A performance corporal desempenha papel decisivo nesse processo. Schechner (2013) observa que toda performance envolve modos de presença que conectam o corpo ao espaço e aos interlocutores, produzindo efeitos estéticos e afetivos. No ato de contar histórias, a postura, o olhar, os gestos e a respiração do mediador criam um ambiente sensorial que sustenta a experiência narrativa. Essa dimensão estética da performance contribui para que o ouvinte se engaje de forma mais intensa, criando vínculos emocionais com o texto e favorecendo a construção de memórias significativas.

É por isso que o ato de contar histórias em sala de aula precisa mobilizar tonalidades de fala, pausas estratégicas de leitura, bem como toda a performance corporal de quem está lendo, pois quem ouve a narrativa assimilará todos os aspectos linguísticos e extralinguísticos que compõem o momento de interação com o texto. Assim, a interlocução com uma narrativa que é ouvida se dá na medida em que consegue mobilizar o ouvinte ligando-o à história, fazendo com que ele aceite seu papel de imaginar personagens, cenários ou situações propostas. Esse processo permeado de encantamento, afinal, parafraseando Barthes (1987) poderíamos dizer que é preciso seduzir o ouvinte com gestos e palavras.

Ainda relacionando com o pensamento de Barthes (2004) podemos compreender que essa relação é fetichista, pois tanto quem conta quanto quem ouve tira prazer das palavras, afinal, “mesmo uma criancinha, no momento do balbúcio, conhece o erotismo da palavra” (Barthes, 2004, p. 38). Assim, o prazer de imaginar, de criar psiquicamente incita, também, a curiosidade de seguir adiante, atento, excitado por cada nova palavra, cada nova frase e cada nova descoberta que vai mantendo o suspense e se desenrolando paulatinamente, uma vez que esse é um “jogo conduzido a partir de certas regras”

(Barthes, 2004, p. 28). Logo, é preciso fazer com que o ouvinte aceite o jogo, participe dele ativamente na construção de sentidos do texto.

É inegável que uma boa atuação por parte do mediador durante o ato de contação de histórias faz com que o texto ganhe vida, formas e cores. E para que isso aconteça é preciso conhecer o público, seus gostos, suas preferências e, além disso, conhecer o texto em profundidade, seu ritmo, suas pausas, sua cadência periódica determinada pela pontuação, pela organização das palavras em cada parágrafo. Conhecer gostos e preferências textuais requer formação e tempo assim como o conhecimento das minúcias de um texto requer leituras e releituras. Assim, o mediador da leitura precisa, obviamente, ser leitor, afinal, de acordo com Chiappini (2005), a transferência psicanalítica faz parte do processo de acolhimento do ato de ler, uma ligação que, segundo a autora, está muito próxima ao amor.

A mediação literária, ao contrário do que possa parecer, é uma atividade altamente complexa, pois exige do mediador não apenas domínio técnico do texto, mas também sensibilidade para reconhecer o repertório cultural e emocional de seus ouvintes. Cosson (2014) destaca que o mediador atua como ponte entre o texto e o leitor, criando condições para que a experiência literária aconteça em sua plenitude. Essa ponte, contudo, não é neutra: ela envolve escolhas estéticas, éticas e pedagógicas que determinam a forma como a narrativa será recebida, interpretada e apropriada pelos sujeitos.

Em segundo lugar, uma boa formação e, especialmente, a formação continuada é indispensável para o sucesso da mediação do texto e, conseqüentemente para a formação de leitores literário. Essa formação passa por duas instâncias que andam de mãos dadas: a técnico-acadêmica e a humana. Isso porque o trabalho com o texto movimenta nossas múltiplas competências racionais, emocionais e sentimentais, assim, a formação do mediador do texto precisa ser integral levando em conta os diferentes aspectos que podem emergir durante a interação com o texto. É preciso estar preparado

para o texto e seus desdobramento na arena imprevisível da psique humana do interlocutor.

Por fim, a capacidade de ouvir, imaginar, relacionar e discutir imagens, ideias e circunstâncias a partir do texto possibilita o gerenciamento de nossas habilidades de agir e de interagir com as pessoas e o mundo ao nosso redor, afinal, esse é um processo que estimula o pensamento divergente e associativo que é uma das principais características da criatividade (Marina, 1993). Essa mesma criatividade é utilizada em todas as áreas de nossa vida, haja vista que de acordo com Marina (1993) é por meio da inteligência criadora que o ser humano projeta, amplia conhecimentos e modifica a própria realidade. Assim, a contação de histórias contribui para o desenvolvimento de nossas potencialidades rumo a uma formação completa em aspectos intelectual-cognitivo e afetivo-emocional.

Desse modo, a contação de histórias articula dimensões cognitivas, afetivas, corporais e sociais, constituindo-se como prática verdadeiramente interdisciplinar. Em cada ato narrativo, entrelaçam-se linguagem, emoção, memória, imaginação e convivência, resultando em um processo de aprendizagem que ultrapassa a simples transmissão de conteúdos. Trata-se de uma experiência estética que forma sujeitos sensíveis, críticos e criativos — características imprescindíveis para a educação contemporânea e para a constituição de uma cultura leitora sólida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte da contação de história requer prática, formação e dedicação, mas é capaz de transformar trajetórias de vida, primeiro ao contribuir na formação do leitor literário ajudando no desenvolvimento das habilidades e competências que podem vir dessa atividade. Além disso, o processo de contação de histórias carrega

em sua essência a mais básica forma de conexão entre as pessoas: falar e ouvir.

Nesse sentido, além de retomar os eixos centrais delineados até aqui, é fundamental destacar que a articulação entre leitura, formação estética e práticas culturais contemporâneas reforça a ideia de que o texto literário não pode ser compreendido de maneira isolada. Assim, é possível compreender que a produção de sentidos é sempre um processo histórico e social, construído por meio da interação entre leitor, contexto e obra. Logo, as reflexões aqui apresentadas reconhecem a literatura não apenas como objeto simbólico, mas como experiência formativa.

Isso porque trata-se de uma conexão que, sem dúvida, guiou o ser humano até o século XXI, disseminando conhecimentos, compartilhando informações e trocando experiências diversas que favoreceram nossa evolução por milênios, afinal, sabidamente o ser humano tem maiores e melhores chances de desenvolvimento na relação dialógica de intercâmbio com outros seres humano, o que se dá intrinsecamente no campo do ouvir e do falar.

Vale mencionar, portanto, que essas atividades aparentemente tão simples quando convertidas em mecanismo pedagógica podem ajudar na formação lógico-racional, emocional, sentimental e imaginária que fazem parte de nossas relações humanas tanto em sentido pessoal quanto profissional. Desse modo, é preciso aprender a ouvir, criar mentalmente a partir do que se ouve, relacionar ideias, coordenar relações e encontrar respostas capazes de satisfazer nossas necessidades mais singulares de desvendar o mundo, um processo que pode ser impulsionado, sistematizado e mediado pelo contador histórias.

Nesse sentido, assume-se que práticas leitoras eficazes dependem de metodologias que promovam a autonomia interpretativa, a mediação qualificada e a integração entre oralidade, escrita e imaginação. A literatura, sobretudo aquela destinada ao público juvenil, adquire

papel central na constituição de repertórios culturais e no desenvolvimento da sensibilidade crítica. Portanto, repensar estratégias de leitura e performance textual é um caminho necessário para fortalecer a formação de leitores no contexto educacional brasileiro.

Nesse sentido, através da oralidade, o mediador do texto é capaz de transformar não só a experiência de interação com o texto literário, mas, também, a experiência de autodescoberta e descoberta do mundo nas diferentes instâncias da vida humana, em diferentes contextos sócio-histórico-culturais. Assim, nota-se que a contação de história, mesmo numa época marcada pelas interações tecnológicas, ainda é uma prática capaz de potencializar o aprendizado das pessoas. Isso por que resgata as mais antigas experiências formativas de nossa espécie: a capacidade de ouvir e de transmitir histórias, sendo que, por meio delas, leva-nos adiante estimulando a curiosidade, interligando fatos, ideias, pensamentos, emoções e sentimentos, portanto, contribui a formação do ser humano em sua plenitude.

Por fim, conclui-se que investir na leitura literária, na mediação qualificada e na compreensão dos processos simbólicos que atravessam os textos literários é fundamental para formar seres humanos sensíveis, críticos, criativos e capazes de compreender a complexidade e a diversidade de vivências que se estabelecem cotidianamente no mundo. A literatura, portanto, é capaz de transformar percepções, criar sentidos e ampliar horizontes auxiliando na construção do (auto)conhecimento e no (auto)desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula e português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil. (BNCC). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CHIAPPINI, Lígia. **Reinvenção da catedral**: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a literatura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler ... o que eu faço?** CEFIEL/IEL. UNICAMP, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARINA, José Antonio. **Teoria da inteligência criativa**. Barcelona: Anagrama, 1993.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologia da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies: an introduction**. New York: Routledge, 2013.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

Marcos Aparecido Pereira

Doutor em Estudos Literários (PPGEL – UNEMAT); Mestre em Ensino (PPGEN – IFMT), Docente da Universidade Federal de Rondônia – Campus Vilhena.

E-mail: marcos.aparecido@unir.br